

DESCOBRIMENTO

Índios iniciam resistência

Fotos: Ricardo Oliveira

REPRESENTANTES DE TODAS AS REGIÕES DO AMAZONAS PARTICIPAM HOJE, EM MANAUS, DA CAMINHADA DE DENÚNCIA E AFIRMAÇÃO DAS MINORIAS, QUE TERMINARÁ NA BAHIA

Representantes indígenas de todas as regiões do Amazonas estarão hoje em Manaus participando da caminhada de denúncia e afirmação, ato que integra a programação local do Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular. Instaurado em todo o País, o movimento propõe uma discussão diferente acerca do aniversário de descobrimento sob a ótica da expressão "O Brasil que a gente quer são outros 500".

Destoando das comemorações oficiais, a organização quer incluir uma abordagem mais crítica sobre a vinda dos portugueses e, posteriormente, todas as consequências sociais da ocupação do País. A caminhada começa às margens do rio Negro e faz parte do seminário "500 anos de resistência indígena, negra e popular", iniciado ontem na Universidade do Amazonas (UA) e que inclui as outras etnias no movimento de resistência.

Depois da caminhada, que sairá às 15h das margens do rio Negro, atrás do Mercado Adolpho Lisboa e passará pela Catedral Metropolitana, Tribunal de Justiça, Teatro Amazonas, os manifestantes chegam à praça do Congresso, onde será feito o plantio de árvores regionais, símbolo do movimento em todo o País. A praça também será palco de um show com manifestações culturais de várias tribos e apresentações como Carlos Batata, Rap, Cultura de Rua e capoeira.

Depois da manifestação, cerca de 300 pessoas seguem viagem de barco rumo a Belém (PA), onde se encontrarão com representantes dos Estados de Roraima, Amapá, Pará, Maranhão e Tocantins, e seguem com destino a Porto



ESTRATÉGIA Integrantes do movimento que se contrapõe às festividades oficiais dos 500 anos do Descobrimento estão discutindo formas de protesto contra a dominação herdada dos colonizadores portugueses

Seguro, na Bahia, mesmo local onde estão agendadas as comemorações oficiais dos 500 anos. Caravanas de todo o País coordenadas pelo movimento têm o mesmo destino. A expectativa é de que 2 mil índios - 800 da Região Amazônica, se deslocuem para lá. "Será uma mobilização inédita

porque não se tem notícia de tamanha mobilização e representatividade dos povos. Vamos fazer o caminho inverso ao da colonização, rumo ao litoral", observou o secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e organizador do movimento, Egon Dionísio Heck. Na rota dos manifestantes, que

inclui trechos de barco, ônibus e a pé, está a realização de atos em Parintins (AM), Santarém (PA), Belém, Palmas (TO) e em Brasília, no próximo dia 13. Na capital do País, os participantes farão a ocupação simbólica do Congresso Nacional e esperam obter uma audiência com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Vitória da Conquista e Monte Pascoal (BA) são as últimas paradas antes de Porto Seguro, onde os organizadores pretendem reunir cerca de 50 mil pessoas vindas nas caravanas de todo o País, movimentos populares e de sem-terra que se juntarão ao movimento no dia 22. Como a programação oficial

está marcada para o mesmo local, os organizadores temem represálias. "A Polícia Federal da Bahia já confirmou que não serão toleradas manifestações paralelas", disse Heck, em alusão à possibilidade de repressão. "Estamos orientando para que os adeptos do movimento se diferenciem através de camisetas ou distintivos".

ENSINO DE HISTÓRIA EM XEQUE

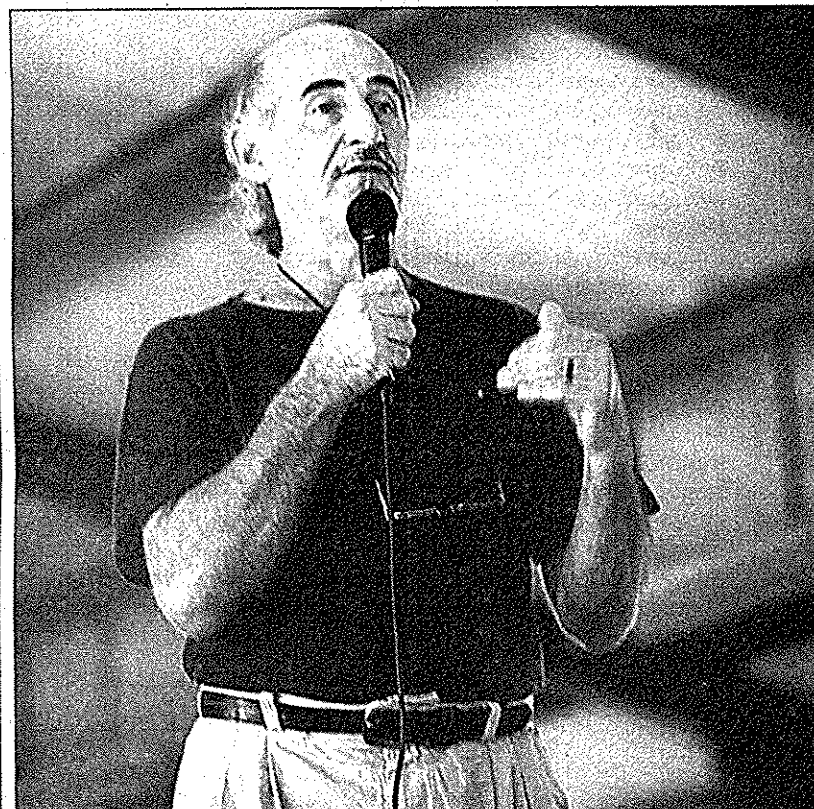
Professor faz críticas aos atos oficiais

"Pensamos que tínhamos conseguido avançar no ensino de história no País, mas a força da mídia acoplada ao Governo Federal tem feito um desserviço à Nação". A afirmação é do professor de História Luís Balcar, referindo-se à versão de festa e de comemoração propagadas sobre o Descobrimento. O professor introduziu ontem as palestras dos representantes dos movimentos no seminário "500 anos de resistência indígena, negra e popular", realizado no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). Constituído como um movimento de povos nativos, a marcha tem o apoio do Movimento de Resistência Negra e Popular, que vai enviar representantes rumo a Porto Seguro. Apesar de a chegada dos integrantes dos 40 povos indígenas que participarão da manifestação na Bahia estar prevista para hoje, boa parte já estava ontem na cidade e alguns acompanharam o seminário na UA, junto aos estudantes. Balcar fez referências ao conteúdo dos livros didáticos que ou excluem a

análise sobre a dominação dos povos nativos ou fazem vagas referências. "Zumbi e o Quilombo dos Palmares não pertencem à memória nacional", disse, referindo-se às dificuldades de se incluir um dia referente ao extermínio do quilombo no calendário de datas oficiais do País. Lembrando que a violência da conquista dizimou 80% da população indígena nos primeiros cem anos, o presidente da Coordenação das Organizações Indígenas do Amazonas Brasileiro (Coiab), Euclides Pereira, assegurou que o melhor caminho para o futuro não é fugir do que é problemático. "Vamos contrapor os alto-falantes oficiais, que sempre tentaram silenciar ou minimizar as manifestações populares", disse o dirigente, chamando a atenção para a denominada "conquista", tida no sentido de dominar o espaço, e que continua até hoje com a pressão sobre as terras indígenas. "Temos 700 reservas indígenas no País e menos da metade delas foram demarcadas", observou o secretário do Cimi, Egon Dionísio Heck. As atividades do evento continuam hoje, com a recepção aos indígenas participantes da marcha, depoimentos e manifestações culturais, a partir das 9h, na UA. Haverá a caminhada a partir das 15h e às 19h o show, na praça do Congresso.

"TEMOS 700 RESERVAS INDÍGENAS NO PAÍS. MENOS DA METADE DELAS FORAM DEMARCADAS"

EGON DIONÍSIO HECK, secretário do Cimi



DIREITOS Heck acha que demarcação de terras indígenas merece urgência

Segurança a líderes

KÁTIA BRASIL AGENCIA ESTADO O procurador do Ministério Público Federal no Amazonas, Ageu Florêncio, pediu ontem à 6ª Câmara de Coordenação, em Brasília, que acione todos os órgãos federais e estaduais visando garantir a segurança dos líderes indígenas que vão participar do ato contra os festejos dos 500 anos do Descobrimento, em Porto Seguro (BA). A decisão de Florêncio foi motivada pelo Manifesto Manaus: 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular, de sete lideranças ticunas do Amazonas. No documento, os ticunas criticam a comemoração oficial dizendo que "é uma festa para elites colonialistas responsáveis pelo genocídio e massacre de índios, negros e pobres", e pediram garantias para que não sejam barrados nas fronteiras interestaduais. Florêncio enviará o documento à Fundação Nacional do Índio

(Funai), Polícia Federal e ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). "Eles têm o direito e ir e vir", afirmou o procurador. Ele entende que a festa "deve ser, antes de tudo, uma reflexão sobre os massacres e perseguições que os índios e negros enfrentaram ao longo dos 500 anos". Segundo a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), cerca de 600 índios da Amazônia estarão em Porto Seguro no dia 22. A viagem para Porto Seguro começa hoje. As lideranças, num total de 300 índios de várias etnias do Amazonas e Roraima, vão viajar de barco até Belém (PA). De lá, fretam um ônibus, que passará em Imperatriz (MA) e Palmas (TO). Em marcha, eles chegam a Brasília no dia 13, onde pretendem cobrar do Congresso a aprovação do Estatuto do Índio e das demarcações, entre elas, da reserva Raposa Serra do Sul, no Norte de Roraima.